

Y R X A K

K K K R K Y R K
K X R K Y R K

Enzo Luís Nico Neto
2017



Pixar: resistir, existir.

Enzo Luís Nico Neto

orientado por
Giselle Beiguelman

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de São Paulo
2017

“[...]

Porque a vida não anda para trás e não se demora com os dias passados.

Vós sois os arcos dos quais vossos filhos são arremessados como flechas vivas.

O arqueiro mira o alvo na senda do infinito e vos estica com toda a sua força

Para que suas flechas se projetem, rápidas e para longe.

Que vosso encurvamento na mão do arqueiro seja vossa alegria:

Pois assim como ele ama a flecha que voa,

Ama também o arco que permanece estável.”

Khalil GiBran, 1923.

Claudia, obrigado pela alegria

SUMARIO

Considerações Iniciais	5
Parte I	11
Os Pontos de tangência entre Bakhtin e Rancière	11
Política	14
Parte II	21
Pichação	21
Pixação	31
Bibliografia	37

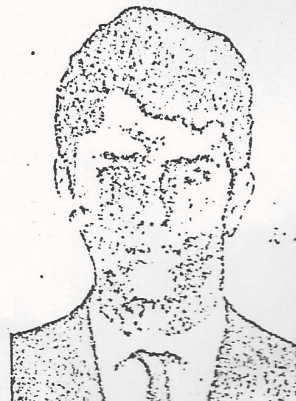
- C O N F I D E N C I A L -

R P I nº 07/72 - II Exército - continuação - fls 13 -----

(1) ANTONIO CARLOS BICALHO LANÁ ("CAL"
"CAUZINHO", "CRISTIANO", "BRUNO" ou
"LOURO")

- Filho de Adolfo Bicalho Lana e Adalgisa Gomes de Lana
- Nascido a 02 Mar 49 em Ouro Preto MG
- Profissão: Profissionalizado pela ALN
- Residência: Ignorada
- Militante da ALN - Setor Armado (Diretório Nacional)
- Dentre suas atividades, destacam-se as seguintes:
 - Pixação de residência e Incêndio de carro em Mar 72
 - Assalto contra RP, da qual foram roubados uma metralhadora

Procurados



Ficha Criminal de Antônio Carlos Bicalmo Laná. Elementos Procurados pelo DOI/CODI. 1972. Acervo Pessoal.

Considerações Iniciais

O tema deste Trabalho Final de Graduação (TFG) é resultado de um desejo pessoal de produzir um estudo sobre as tensões territoriais existentes na cidade de São Paulo. Inicialmente, havia pensado tratar sobre a questão da luta por moradia, entretanto senti que já existiam muitos estudos e TFG's sobre o tema, abordado sob diversos pontos de vista e com grande discussão acumulada.

A pixação surgiu como um tema

pouco aprofundado em termos de pouca produção acadêmica e, ao mesmo tempo, sobre o qual eu tenho muito a dizer. Já havia cogitado abordar este tema como objeto do meu TFG algumas vezes durante a graduação, como quando me deparei com texto de um autor europeu que dizia que a valorização da arte (não monetária, mas enquanto processo de validação, enquanto aferição de boa ou má arte) passou a ser pautada pela máxima capitalista: o lucro.

Um bom livro passou a ser o que vende muito, o best-seller; um bom filme é aquele que atinge uma bilheteria extraordinária na primeira semana. Porém, o caráter político da pixação me parece ser uma discussão mais pertinente, e principalmente, mais importante para entendermos sua relação com a Arquitetura e o Urbanismo, uma vez que a relação entre pixador e lucro é inexistente.

O audiovisual e a arquitetura são

formas de arte intimamente relacionadas. A arquitetura não pode ser apenas arte, pois ao possuir um programa, a finalidade do objeto arquitetônico se transporta para fora dele; o valor primeiro da escola é o ensino; do templo, a adoração; da estação, o transporte; do hospital a saúde, e assim por diante. Servir a uma finalidade, entretanto, não exclui por completo a possibilidade da arte, apenas a subjugua à utilidade da edificação.

Por um lado, existem as artes do instante, como fotos e quadros. Apesar de levarmos algum tempo para percorrer o olhar por toda extensão de uma imagem, toda sua informação está disponível ao observador desde o primeiro instante. Por outro lado, existem as artes da duração, onde a obra e tempo são indissociáveis. Tomando como exemplo uma escultura localizada no centro de uma fonte ou praça, ou seja, em locais que induz os observadores

a se deslocarem ao redor da obra, observa-se que o tempo é uma variável intrínseca à mesma, visto que sempre uma de suas faces está oculta ao observador, forçando-o a procurar uma nova posição de observação para compreender o todo.

Um caminhante, ao entrar em uma edificação, é o centro de uma sequência única de pontos de vista. A arquitetura promove, então, a possibilidade de infinitas sequências únicas a cada observador,

infinitas narrativas individuais contidas no volume arquitetônico. A semelhança entre o audiovisual e a arquitetura é enorme: se a arquitetura promove a coexistência de infinitas perspectivas e narrativas, o audiovisual é a escolha de uma dentre as infinitas sequências.

Faz-se necessário entender neste primeiro momento, que o “pixo” e a “pixação”, com “x” diferem-se do “picho” e da “pichação” por possuírem características

mais específicas, por se tratar não de um fenômeno que acompanha grande parte da história humana, mas de um fenômeno com recortes físico e temporal.

Essa diferenciação parte dos exemplos de pichações presentes na história ocidental, que datam desde antes da era cristã, como no caso da cidade de Pompeia, na Itália, onde são encontradas mensagens de propaganda política em paredes voltadas para a rua, ou ainda

inscrições feitas por povos Escandinavos na Hagia Sofia, atual Istambul, Turquia, ao conquistarem Constantinopla no século IX d.C. A caracterização destas mensagens como pichação se dá pela definição dos termos originais. Embora na língua portuguesa brasileira contemporânea a palavra “graffiti” (e suas derivações) seja entendida como desenho que, em geral, possui grande quantidade de cores e tem melhor aceitação de grande parte da opinião

pública, é importante ressaltar que o termo se origina do Latim Graffio, que significa “arranhar”, “produzir baixo relevo”. O significado permanece no Italiano moderno na palavra Graffiare. Tais termos conotam tipos de intervenção danosos à integridade do bem material. Assim, o sentido atual do grafite na maior parte do mundo ocidental ainda é relacionado ao prejuízo material e, portanto, à ilegalidade. A pixação é um tipo específico de pichação. A grafia com cê-aga

é um termo genérico, amplo, enquanto que a grafia com xis é específica, restrita.

É importante notar também que, do ponto de vista arquitetônico, a função primeira da parede e do muro é separar ambientes e/ou sustentar outros elementos estruturais, e não ser suporte para revestimento e tinta. Tal função é comprovada ao se observar uma parede de tijolos aparente, e que ainda sim separa, limita e define ambientes. A pixação

portanto, não interfere na capacidade da parede desempenhar sua principal função, mas sim em sua estética, que por sua vez se relaciona não com as características físicas como resistência material e leis da natureza como a gravidade, mas sim com processos interpessoais de atribuição de valor e significado.

A principal hipótese da pesquisa fica então elaborada: o pixo aparece no cenário em que se encontra a cidade de São Paulo

como a voz dos sem-voz e a visibilidade do sujeito invisível. Portanto, buscam-se nestre trabalho fatores de análise que permitam a compreensão dessa expressão urbana como recurso simbólico de disputa da cidade.



PART E I

Parte I

Os Pontos de tangência entre Bakhtin e Rancière

Apesar das obras *Marxismo e Filosofia da Linguagem* de Mikhail Bakhtin, publicada em 1929 na antiga União das Repúblicas Soviéticas à época sob o governo de Stalin, e *O Desentendimento*, de Jacques Rancière publicado em 1996 na França terem sido escritas em épocas e contextos políticos diferentes e terem diferentes objetos de estudo, a localização dos pontos comuns em seus textos é de grande auxílio

na compreensão da construção coletiva de significados e ideologias.

Para o primeiro, o signo ocorre quando algo do mundo sensível, seja um objeto, ser, cor ou som, é transportado a outro mundo, mental, pertencente às ideias, atribuindo-lhe uma lógica, um significado. A palavra pode ser entendida como o signo por excelência, se extrairmos seu significado, resta apenas uma sequência de fonemas, um som não inteligível. É o

caso de um ouvinte que escuta uma língua desconhecida.

Tal deslocamento se dá através da significação do signo, quando lhe é atribuída uma ideia, uma lógica. Esta significação se dá sempre através das relações intersubjetivas, isto é, são construídas no tecido social, a partir das relações específicas entre indivíduos. Ao definir as interações sociais como matéria-prima do pensamento e reflexo de determinadas ideologias, mesmo

que através de um discurso unilateral, Bakhtin submete a consciência individual ao signo ideológico. Portanto a significação é sempre uma construção coletiva, não individual.

“A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da

comunicação ideológica.” (Bakhtin, 1929, p.23)

A significação é coletiva, mas não necessariamente unânime. Mesmo tendo aspecto coletivo, não significa que não possam coexistir diferentes significados em um mesmo tecido social. De certa forma, fazendo um breve paralelo com o mito da caverna de Platão, é como se a distorção ocorresse duas vezes: a primeira na projeção

do signo na parede da caverna e a segunda causada pela interpretação da sombra, onde a posição do observador interfere diretamente na imagem observada. A sombra do signo, portanto, não é única. Ela se mescla com a textura irregular da parede da caverna e sofre pequenas alterações entre os pontos de vistas. As alterações podem ser mínimas, ou podem ser diametralmente opostas.

A oposição entre “ideologia oficial”

e “ideologia não oficial” em Bakhtin se assemelha muito ao conceito de “contados” e “não-contados” de Rancière. É da relação entre estes mundos que decorre o desentendimento, segundo o autor Francês. A pluralidade de atribuições de significado em torno do mesmo signo linguístico é o efeito primeiro do desentendimento, é a sua primeira materialização, que se estende aos demais signos que compõe as ideologias presentes.

“Por desentendimento entenderemos um tipo determinado de situação de palavra: aquela em que um dos interlocutores ao mesmo tempo entende e não entende o que diz o outro. O desentendimento não é o conflito entre aquele que diz branco e aquele que diz preto. E o conflito entre aquele que diz branco e aquele que diz branco mas não entende a mesma coisa, ou não entende de modo nenhum que o outro diz a mesma coisa com o nome de brancura.” (Rancière, 1996, p. 11)

Ambos os autores, portanto, operam na lógica da polissemia, da multissignificação de mesmos signos, e portanto em sua natureza conflituosa. Toda palavra – e todo signo – tem um significado a ser definido através da intersubjetividade, da construção conflituosa de significados, de modo que não existe neutralidade nesta construção. Ela é fundada no próprio dissenso. Eles aprofundam as teorias marxistas à medida que revelam este caráter conflituoso

da linguagem, que vai além da luta de classes. A própria língua é um empecilho à comunicação.

Política

Existem alguns conceitos-chave na obra de Rancière que são fundamentais para a compreensão. O primeiro deles é a distinção entre ruído e palavra. Enquanto o ruído apenas externa um sentimento do indivíduo, a palavra é entendida como discurso, fruto do intelecto. A distinção, portanto, entre as duas manifestações se dá através da relação locutor-ouvinte, de modo

que se torna uma relação direta entre os universos pessoais de signos e significados.

A distribuição simbólica dos indivíduos no espaço está então dividida em dois grupos: aqueles que possuem um logos, são visíveis e possuem palavra, e aqueles que não o possuem, e portanto são invisíveis na medida que sua voz é entendida não como consequência de raciocínio, mas sim como um ruído que demonstra dor, prazer, revolta ou consentimento.



Uma vez que a posse do logos é o próprio reconhecimento do indivíduo perante o outro, sua visibilidade ou não, a disputa pelo logos é a essência da política. Pierre-Simon Ballanche em 1829 reescreve o relato de Tito Lívio da sessão dos Plebeus no Aventino, em Roma. Ballanche critica o historiador romano por este último entender o conflito plebeu apenas como uma revolta. O historiador francês transporta a discussão para outro contexto: o da disputa em torno

da própria palavra. A tentativa então passa a ser descobrir se existe ou não um cenário comum onde Patrícios e Plebeus possam discutir sobre alguma coisa.

A princípio, o pensamento dos Patrícios é claro: não há o que debater com os plebeus, pois eles não falam. E não falam porque são desprovidos de logos e nome. Aquele que não tem nome não pode falar. Tal conflito é evidenciado pela crítica ao deputado Menênio, atribuída por Balanche

à Ápio Cláudio, na qual o deputado é condenado por acreditar que os Plebeus proferiam palavras.

“Possuem a palavra como nós, ousaram eles dizer a Menênio! Foi um deus quem fechou a boca de Menênio, quem ofuscou seu olhar, quem fez zumbir seus ouvidos? Será que foi tomado de uma vertigem sagrada? [...] ele não soube responder-lhes que tinham uma palavra transitória, uma palavra que é um som fugidio, espécie de mugido, sinal da necessidade e não da manifestação da inteligência. São privados da palavra eterna que estava

no passado, que estará no futuro.” (Ballanche, 1930, p. 94)

A transformação da voz articulada dos não nomeados em mugido impossibilita a troca linguística. A comunicação entre as partes não pode existir, pois não há uma base de códigos em comum capaz de construir diálogo. Tal visão não é apenas reflexo da dominação dos Patrícios sobre os Plebeus, mas é a própria dominação. É a

ordem da partilha do sensível que organiza a dominação, que ignora o logos originário dos seres privados de logos, sem nome e sem parcela política.

Os Plebeus então reunidos na colina mais ao sul da capital, o monte Aventino, reorganizam a ordem do sensível, se colocando como seres dotados de fala, se comportando como seres com nomes. Transgrediram as regras da cidade, escreveram seus nomes e colocaram

suas falas como resultado de intelecto. O apólogo de Menênio Agripa sobre a necessária desigualdade entre Patrícios e Plebeus, pautada na divisão desigual do sensível, criara um paradoxo, uma vez que, para compreendê-lo pressupõe uma divisão igualitária do sensível, capaz de criar diálogo entre as partes, o que impossibilita a visão desigual proposta por ele.

Este é o conflito da posse do logos. É ele que faz com que o discurso seja

entendido como discurso e o valide como tal. Ter um nome é o primeiro passo para a visibilidade, quando a parcela dos sem-parcela passa a ser nomeada, adquirindo o reconhecimento de logos.

Dentro desta polissemia existente em qualquer sociedade, algumas formas do fazer, do ser e do dizer são validadas, visíveis e entendidas como discurso, enquanto outras formas do fazer, do ser e do dizer são alocadas fora do senso comum da

distribuição do sensível, visível e dizível.

O conceito de dano proposto pelo autor é a aferição da distância entre a ideia universal de igualdade e a realidade. Ao contrário do dano jurídico, que pressupõe uma prévia nomeação das partes e dos bens tutelados, o dano político tem como gênese a própria não-nomeação de parte da população, os invisíveis desprovidos de palavra, a parcela dos sem-parcela.

A política então seria a tentativa de

diminuir tal distância, de reparação deste dano consequente do desentendimento causado pela não-contagem. A percepção do indivíduo perante os demais é o que confere o caráter de manifestação da palavra, discernindo aqueles que possuem um logos, daqueles que não o possuem, daqueles que realmente falam e daqueles que, à percepção dos outros, apenas imitam a voz articulada.

“A destinação supremamente política do homem atesta-se por um indício: a posse do logos, ou seja, da palavra, que manifesta, enquanto a voz apenas indica” (Rancière, 1996, p.17)

Há política, portanto, porque a posse do logos, isto é, o reconhecimento da palavra enquanto resultado de pensamento articulado e fruto da lógica, é indissolúvel a quem a fala e a partir de onde o fala. É

nesta contagem política que se atribui uma dimensão humana à palavra, contrapondo-se às demonstrações de dor e prazer, demonstrações essas não humanas, no sentido de serem comuns aos animais.

A política, segundo este ponto de vista, é a tentativa de reparação deste dano causado pela distribuição desigual entre iguais, desta invisibilidade social. Outra nomenclatura para este dano seria a divisão do sensível em dois mundos. Não é apenas

um simples conflito de ordem material, mas principalmente um conflito moral.

Assim, a política é colocada por ele como a reconfiguração da partilha do sensível, ou seja, a reconfiguração da distribuição desigual entre iguais. Uma vez originária do dano, ela tem como ponto de partida o desentendimento, o dissenso, pelo qual se busca aplicar o princípio da igualdade. Uma vez que o dissenso pressupõe uma divisão do mundo sensível

em dois, trata-se de um conflito sobre o objeto de discussão, os termos de sua designação e quem o constitui.

“A atividade política [...] faz ver o que não cabia ser visto, faz ouvir um discurso ali onde só tinha lugar o barulho, faz ouvir como discurso o que só era ouvido como barulho” (Rancière, 1996, p.42)

Uma vez que política é o que tenta balancear o desbalanceado, o sentido mais amplo da palavra não pode ser aqui aplicado: não se trata de uma consequência entre relações de poder, ou de qualquer ação tomada pelo indivíduo no âmbito coletivo da polis. Este novo entendimento de política é mais restrito, a ponto que a política, na realidade torna-se rara. O vácuo deixado pela redução do primeiro objeto ao segundo é então preenchido

por um novo conceito: Polícia. Aqui, este termo tem sentido mais amplo do que o de forças policiais. É entendido como a manutenção da desigualdade e a imposição de determinados modos do fazer, do ser e do dizer, transformando discursos em ruídos. A anti-política, a manutenção do status quo. Polícia (ou forças policiais) são a regra, enquanto que a política se torna exceção.

PART II

Parte II

Pichação

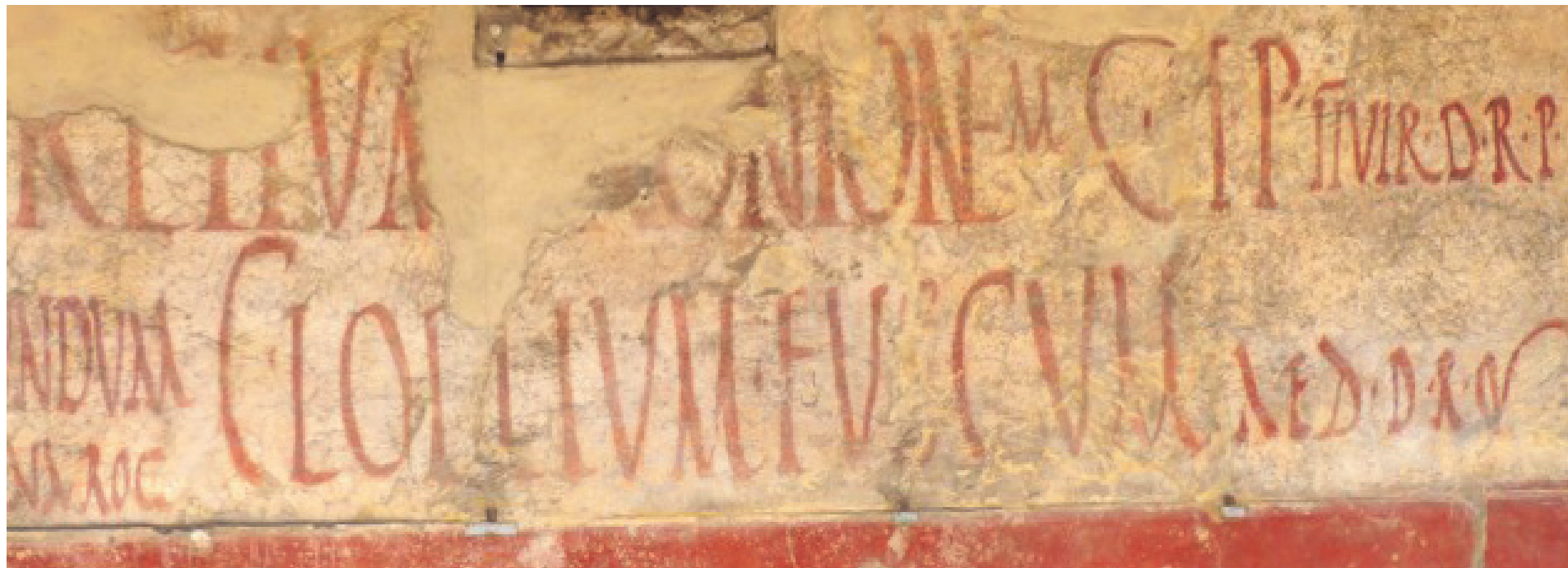
Pichação pré-moderna

Partindo destas análises, este trabalho entende pichação, com “cê-agá”, como uma atividade humana da qual temos registros datados de dois milênios atrás, pelo menos. Neste estudo abordam-se as intervenções externas aos edifícios, excluindo-se as intervenções internas em ambientes públicos. Pichação, portanto, é o ato de escrever seu nome, pseudônimo

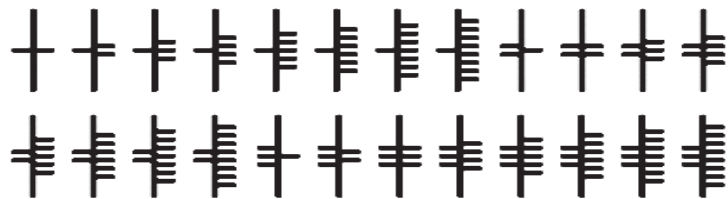
ou mensagem em uma superfície externa. Pompeia abriga algumas destas mensagens, sendo a mais antiga delas “Gaius Pumidius Diphilus esteve aqui”, seguida com uma marcação temporal, que historiadores dataram como de 3 de outubro de 78 a.C. Este modelo “Alguém esteve aqui”, seguido da datação cronológica da escrita, se repete inúmeras vezes ao longo da cidade, se misturando com mensagens de amor, insultos, recordações de pessoas mortas e

campanhas políticas.

Povos escandinavos, agrupados sob a cultura Viking, produziam sua escrita através do baixo relevo (graffio), em madeira ou em pedra. A maior parte dos objetos legíveis até hoje são de pedra, uma vez que o material orgânico só foi preservado em condições muito específicas. Pela natureza técnica do baixo relevo, o alfabeto escandinavo - assim como as letras maiúsculas do latim - tinha apenas linhas retas, desde a primeira forma



Parede em Pompéia, Itália.(Mirko Tobias Schäfer)



Primeiro alfabeto Futhark. (fonte: ancientscripts.com/futhark)



Futhark Antigo.

(PAGE, Raymond Ian. Runes, The British Museum Press, 2005)

deste alfabeto até o aparecimento do Novo Futhark, associado à outras mídias escritas.

Até aproximadamente o segundo século d.C., estes povos utilizavam um alfabeto em que as arestas verticais de grandes pedras eram entalhadas com linhas horizontais, compondo assim o seu universo alfabético. A partir deste século começa a

aparecer o que hoje se denomina Futhark Antigo, em constante mutação, e com eventuais adições de letras quando em contato com novos fonemas.

Nesta representação as linhas verticais são as arestas das pedras, enquanto que as horizontais são as linhas entalhadas. O Futhark Antigo, por sua vez, se utilizava de superfícies, não de quinas. Assim, tinham uma amplitude maior de aplicação, tendo sido utilizadas como adorno em objetos,



Inscrição em beiral da Hagia Sofia, Istambul, Turquia. (Agnes Chang, Flickr)

embarcações e edificações.

Ao conquistarem outras localidades, estes povos deixaram registros em paredes e esculturas, também semelhantes aos Romanos, ao inscreverem “N.N. escreveu estas runas”. Porém, não costumavam datar suas inscrições. A datação se dá através de registros históricos de quando estes povos escandinavos entraram em contato, sobretudo comercial e militar, com diferentes povos. Entretanto, outros

registros permanecem com uma datação menos precisa.

No século IX d.C., ao conquistarem Constantinopla, alguns indivíduos destes povos deixaram ao menos duas inscrições dentro da mesquita Hagia Sofia que permanecem até hoje. O mais legível deles tem como tradução mais aceita “Halvdan escreveu estas runas”, localizado em um beiral de uma galeria superior.

Outro exemplo é uma estátua de

Leão, anteriormente localizada na porta Piraeus de Atenas e hoje em Veneza e um dos símbolos da cidade, que recebeu dois adornos de faixas com inscrições em ambos seus lados. Acredita-se que tenham sido escritas durante uma ocupação de Atenas, quando esta cidade fazia parte do Império Bizantino.



C.C. Rafn - “En Nordisk Runeindskrift i Piræus, med Forklaring af C.C. Rafn” 1855-57

Pichação Contemporânea

Na era contemporânea, mais precisamente a partir do século XX, é importante destacar alguns eventos e movimentos que influenciam a pichação até hoje. Os protestos iniciados em Maio de 68 em Paris tiveram início entre estudantes universitários que buscavam reformas na estrutura arcaica na França. Os protestos, fortemente costurados

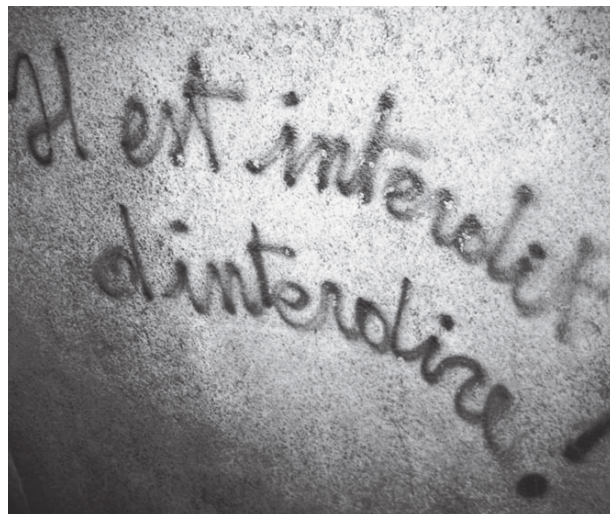
por ideais anarquistas e slogan “todo poder à imaginação” ganharam mais força política quando trabalhadores se uniram aos estudantes. É esta transformação do “transformemos o mundo” de Marx em “transformemos a vida” de Rimbaud que permite e dá espaço às pichações surgidas neste período. A poesia na pichação, em locais públicos, como universidades e ruas da cidade, era uma ferramenta de troca de ideias em grande escala, visando



a comunicação (entendida aqui como a sequência: articulação de pensamento, exteriorização deste ao mundo material e por fim a compreensão do ouvinte ou leitor), e se utilizando da potencialidade encurtadora de discursos poéticos.

A pichação torna-se um instrumento de comunicação, em sincronia com os ideais de desconstrução da naturalização das Leis. A naturalização, no sentido de ordem única

pré estabelecida, como o comportamento animal, e de fenômenos da natureza, quando transportada à relações sociais, significa identificar uma ideologia que tem como ideia o caráter permanente e constante das leis e relações de grupos sociais. O contrário deste pensamento se baseia na contingência de todas as relações humanas. É a ideia de que, se nós nos organizamos de uma determinada maneira, é porque poderíamos fazê-lo de outro modo. As



“é proibido proibir”. Autor desconhecido.

coisas são porque escolhemos que sejam, não porque é de sua natureza ser.

“Transformar a vida” é transformar o cotidiano. Não o amanhã, mas o hoje. Este componente de ação direta, imediata, é parte fundamental da cotidianização da revolução.

Em função alto grau de globalização da mídia impressa e da distribuição de jornais internacionais, esta pichação anarquista e poética começou a ser

utilizada no mesmo ano contra o regime militar brasileiro, iniciado quatro anos antes. “Abaixo a ditadura” foi a primeira frase a ser escrita em massa, em conjunto com “fora ditadura”. Frases poéticas também se faziam presentes, como “terrorista é a ditadura, que mata e tortura”, escritas por organizações estudantis e movimentos de guerrilha urbana. A partir do AI-5 no fim de 68, e com o desgaste das forças estudantis pela repressão militar, a prática da pichação

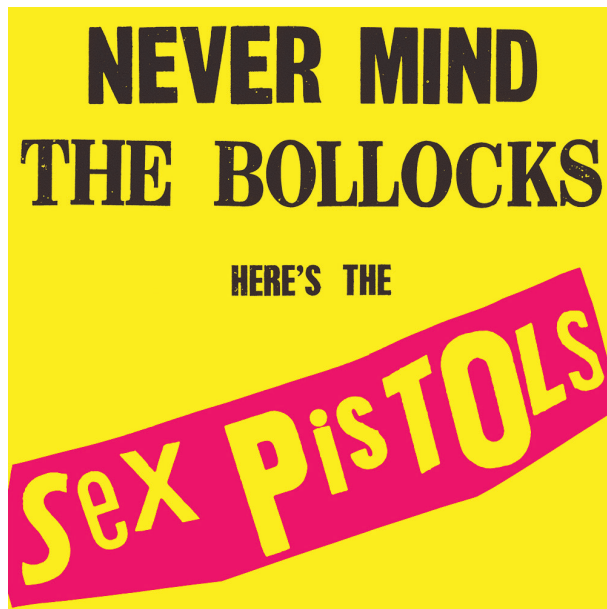
se tornou tão perigosa quanto qualquer outra ação militarizada da resistência. A prática passou a ser realizada em grupo e, geralmente, associada a outras ações, como expropriações, e era comum que ao menos alguns indivíduos estivessem armados. Ser pego nestas circunstâncias escrevendo estas coisas, neste contexto, significava a prisão e tortura.

Movimentos como a Ação Libertadora Nacional (ALN) “diálogo com

a ditadura, só à bala”, Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) “ousar lutar, ousar vencer” e o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR8) se faziam presentes no cotidiano, em parte, através das pichações, sendo estas alvo de repressões. Em quase todos os registros oficiais do período a grafia escolhida é Pichação, com CH, porém no caso do mineiro Antônio Carlos Bicalho Lana, em seu registro no DOI/CODI, aparece a grafia com X, sendo um dos registros mais

antigos da palavra em documento oficial, mesmo que confidencial por décadas.

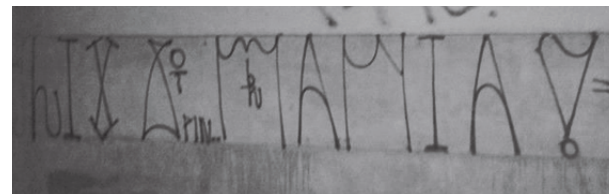




Sex Pistols. **Never Mindd the Bullocks**. Worner Bros. Records. Wessex Sound Studios, Londres, Inglaterra. 1977.



Lixomania. **Violência e Sobrevivência**. São Paulo, Brasil. 1982.



“LIXOMANIA”. Oitavo Batalhão



Pixação “LIXOMANIA”

Pixação

A pré-pixação

“CÃO FILA KM26”. Este talvez seja o embrião da pixação paulistana. Esta marca começou a ser vista em todas as regiões da cidade, e possuía um forte caráter enigmático, pois referia-se a um canil de cães da raça Fila no quilômetro 26 da Estrada de São Bernardo do Campo, próximo à represa Billings. O cão fila ficou no imaginário de muitos jovens.

Juneca e Pessoaíha foram outros precursores, aparecendo em muitas reportagens em jornais, além de terem pichado diversas cidades brasileiras, inclusive a cúpula do Congresso Nacional. Tal exposição acabou servindo de inspiração para outros jovens, que também queriam deixar suas marcas.

Nestes dois casos a escrita se dava através das letras aprendidas no processo de alfabetização, sendo legível a grande parte



“Cão Fila km26”. Reportagem Revista Veja, 6 de Julho de 1977. São Paulo. Brasil.



Grafite nas artes plásticas, entre outras formas de arte. No processo de absorção desta cultura, o Hip Hop se transformou e, por consequência, transformou o Hip Hop Brasileiro. A pixação, portanto, mesmo que tenha sua origem estética tipográfica originária destas bandas de Rock, atualmente tem uma maior aproximação com o Rap nacional.



Foto divulgação documentário “#DI# Pichar é Humano”. 2017.

Pioneiros

#DI#, XUIM e TCHETCHO. Estes são três dos pixadores que são considerados por muitos como os pioneiros, tendo suas atividades concentradas no fim dos anos 80 e nos anos 90. Di com o Conjunto Nacional, Xuim (apelido de infância, derivado de

pixaim) com o Terraço Itália e Tchencho com o Edifício Matarazzo (atual Prefeitura de São Paulo) como primeiros exemplos da busca pelo alto, pelo impossível. Eles pixaram muitos outros prédios, sendo os primeiros a conquistar a paisagem urbana no alto, onde a visibilidade se dá à distância.

Di, ao pixar o Conjunto Nacional, ligou para

um jornal se passando por um morador indignado com a falta de segurança, perguntando como os pixadores teriam entrado. Na reportagem, é noticiado, sob a foto da pixação que se inicia com #DI#, que o morador preferiu se identificar apenas como Di, evidenciando a não compreensão do conteúdo da pixação em questão, além

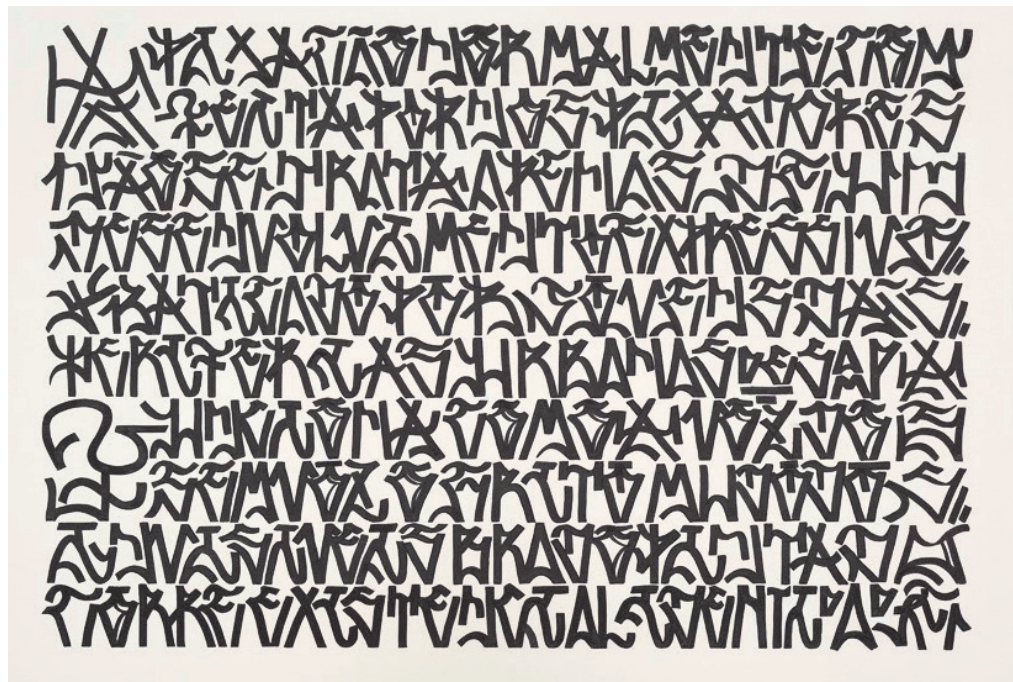
do caráter desafiador da ação. Sua frase “Pichar é Humano” se materializou no símbolo de um ser humano, em ângulos retos.

Pixação Consolidada

A partir do fim dos anos 80 alguns pixadores começaram a criar logotipos em conjunto, cada um com um determinado estilo de caligrafia, e à essa marca começaram a ser incorporadas outras informações. As adições, normalmente com grafia comum, indicavam a região da cidade que os pixadores moravam, a data de quando foi feito, o nome ou iniciais dos

pixadores que fizeram o logotipo, podendo conter informações adicionais como feitos realizados pelos pixadores.

As marcas, embora cada uma com seu conjunto de letras específico, estavam inseridas dentro de um mesmo padrão estético e da mesma lógica: letras retas, alongadas e agudas, feitas normalmente com spray de tinta ou rolo de espuma. A ocupação do espaço é sempre a máxima possível, de modo que na modalidade dos



CRIPTA DJAN. MANIFESTO. 2015

A pixação normalmente com X, feita por nós pixadores não se trata apenas um desenvolvimento expressivo praticado por jovens das periferias urbanas de sampa. Funciona como a voz dos sem voz, o grito mudo dos invisíveis, brado pintado, corre existencial, identidade.

beirais e janelas é possível observar o arco que as letras formam em decorrência do arco de alcance do braço.

Esta busca pela visibilidade em um primeiro momento se dava principalmente através da quantidade. Quem possuía-se mais assinaturas em mais locais da cidade seria mais conhecido. Entretanto com o passar dos anos a busca pelo lobo (termo dos pixadores relacionado à fama) fez com que a tomada da cidade não se desse apenas

de forma horizontal, mas também de forma vertical. Janelas, beirais, marquises e topos de prédios começaram a serem pixados.

A escalada então é parte integrante da vida de tais pixadores, uma vez que poucos entravam pelas escadas dos prédios. O risco passou a ser simplesmente jurídico e se tornou físico, uma vez que a possibilidade de queda é sempre presente.

O drone portanto se mostrou uma grande ferramenta de captura de imagens

no ambiente urbano, permitindo deslocar a câmera por entre os topos dos prédios com grande mobilidade, e assim, de certa forma, inverter as perspectivas normalmente vivenciadas pelos habitantes da cidade: a vida cotidiana se desenvolve perto do solo, com o horizonte baixo.

Voando por entre as maiores edificações da cidade o ponto de vista é invertido. As janelas dos últimos andares dos prédios já não são mais pequenas em

relação aos componentes da rua, mas sim a vida urbana cotidiana, com seus pedestres e máquinas de transporte se tornam pequenos em relação ao pixo. O drone permitiu que o conceito da polifonia, da coexistência de pontos de vistas em uma mesma sociedade fosse transportado ao campo das artes visuais.





Bibliografia

BAKHHTIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia da Linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi. São Paulo, Editora Hucitec, 1981

RANCIÈRE, Jacques. O desentendimento. Trad. Ângela Leite Lopes. São Paulo, Editora 34, 1996.

FRANCO, Sérgio. Iconografias da Metrópole: Grafiteiros e Pixadores representando o contemporâneo. Dissertação Mestrado FAUUSP, 2009.

LASSALA, Gustavo. Pichação não é Pixação. São Paulo, Editora Altamira, 2017.

VILLAÇA, Flávio. Espaço intra-urbano no Brasil. São Paulo, Studio Nobel, 1998.

Outras Fontes

PRITSAK, Omeljan. The Origin of Rus'. Mass.: Distributed by Harvard University Press for the Harvard Ukrainian Research Institute. Cambridge, 1981.

C.C. Rafn - "En Nordisk Runeindskrift i Piræus, med Forklaring af C.C. Rafn", Antiquarisk Tidsskrift, 1855-57

Drawing of runic carving on Piraeus Lion.

PAGE, Raymond Ian (2005), Runes, The British Museum Press, ISBN 0-7141-8065-3)

Ballanche, "Formule générale de tous les peuples appliquée à l'histoire du peuple romain", Revue de Paris, 1830.

Websites

BESIDE COLORS besidecolors.com/category/pixacao-2/ - Acessado em 10/03/2017

MUSEU NACIONAL DA DINAMARCA - en.natmus.dk/historical-knowledge/denmark/prehistoric-period-until-1050-ad/the-viking-age/expeditions-and-raids/viking-graffiti/ - Acessado em 26/04/2017

